O socialismo francês em 1900: o grande debate entre Jean Jaurès e Jules Guesde

DEBATE²

DISCURSO DE JEAN-JAURÈS

Cidadãos,

O maior prazer que vocês nos poderiam dar, não é aplaudir-nos, é escutarnos. É uma grande honra para o Partido Socialista instituir debates como o desta noite, e creio poder dizer que é o único partido que tem suficiente fé no poder de seus princípios para instituir assim entre seus militantes um debate político.

Não temos nada a esconder, somos o partido da disciplina na ação, sempre prontos a nos inclinar quanto à conduta a observar perante a decisão regular do partido organizado, mas somos ao mesmo tempo o partido da liberdade, sempre alerta quanto aos melhores meios de emancipar o proletariado.

Vim explicar-me aqui sem nenhuma violência, mas sem nenhuma reticência.

A origem da dissensão

De onde nasceu, quando e como, a dissensão entre mim e Guesde? E quando digo "entre mim e Guesde", é evidente que não se trata de uma miserável querela pessoal. O debate, a dissensão entre nós é muito mais nobre e ao mesmo tempo mais grave, já que se trata não de velhas e odiosas rivalidades de que falaram nossos inimigos comuns, mas de uma dissensão de tática e de método que temos o dever de submeter ao partido e que o partido julgará soberanamente! (Bravos.) Pois bem! Quando, portanto, nasceu esta dissensão? Disse-se, repetiu-se que nasceu com a entrada de um socialista num ministério burguês, e, com efeito, este acontecimento agravou, acentuou as dissensões de método que já existiam, e explicar-me-ei em breve sobre isso, mas não a criou. A dissensão já existia, já se manifestara a propósito do caso Dreyfus.

142 • O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

² Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro.

Vocês se lembram, com efeito, que enquanto vários companheiros de luta e eu estávamos engajados nesta batalha, decididos a levá-la até o fim, apareceu, a partir do mês de julho de 1898, um manifesto do Conselho Nacional de nossos camaradas do Partido Operário Francês³, e esse manifesto alertava os trabalhadores, alertava os proletários para não se engajarem demais nessa batalha e para reservarem suas forças para a luta de classes.

Mais tarde, quando saiu o manifesto retumbante, no dia seguinte à entrada de Millerand no ministério⁴, o manifesto declarava que era dever dos socialistas, não só enfrentar esse acontecimento particular, mas corrigir, emendar desvios que, segundo o manifesto, remontavam a dois anos pelo menos. Era ainda uma nova condenação da tática que vários de nós seguíramos a respeito do caso Dreyfus.

E mais recentemente, no discurso que pronunciava pela morte de Liebknecht⁵, na sala Vantier, Guesde, voltando a essa questão temível, declarava uma vez mais que erráramos ao entrar numa batalha mal engajada – que servíramos assim aos interesses do nacionalismo, que cabia à burguesia reparar os erros da sociedade burguesa e que enfim, por essa luta, desertáramos do campo da luta de classes. Tenho, portanto, o direito de dizer, sem que ninguém me possa desmentir, que não foi a respeito da questão Millerand que a dissensão dos métodos se produziu pela primeira vez entre nós, mas que foi a respeito do caso Dreyfus e que foi a partir desse momento... (Gritos de: *Viva Guesde! Silêncio, silêncio.*)

Delory. Vejamos, cidadãos, pediram-lhes para não interromper. Escutem, vocês terão então liberdade para julgar qual é o método que querem adotar.

Jaurès. Creio que minhas palavras não podem ferir ninguém. Resumi precisamente as objeções dirigidas contra nós pelos contraditores e disse imediatamente: já que, a respeito desse conflito que comoveu toda a humanidade pensante e no qual achamos dever tomar partido, não só para defender a

³ Extratos da declaração do Conselho Nacional do POF de 24 de julho de 1898: "Os proletários não têm nada a fazer nesta batalha que não é a sua... Só têm que, de fora, contar os golpes... O POF não poderia sem logro e sem traição se deixar um único instante desviar de seu caminho, suspender sua própria guerra..., perder-se em correções de erros individuais."

⁴ Manifesto assinado pelo POF, PSR e AC de 14 de julho de 1898 denunciando a presença de Millerand "de mãos dadas com o fuzilador de Maio (Galliffet)", pois "o Partido Socialista, partido de classe, não poderia ser ou tornar-se, sob pena de suicídio, um partido ministerial. Ele não tem que dividir o poder com a burguesia, nas mãos da qual o Estado pode ser apenas um instrumento de conservação e de opressão social."

⁵ Wilhelm Liebknecht (1826-1900), muito próximo de Marx cujo exílio compartilhou por dez anos em Londres, foi um dos principais fundadores do Partido Social-Democrata alemão em 1869. Foi depois um defensor intransigente do marxismo, correspondente privilegiado de Jules Guesde.

pessoa humana ultrajada, mas no próprio interesse do proletariado; já que, a respeito desse conflito se disse que abandonáramos o campo do socialismo, o campo da luta de classes, digo que a primeira pergunta que devemos fazer é esta: o que é então a luta de classes? O que significa esse princípio tão freqüentemente invocado e tão raramente definido?

A luta de classes

A meu ver, cidadãos, a idéia da luta de classes, o princípio da luta de classes é formado de três elementos, de três idéias. Primeiramente, e na própria raiz, há uma constatação de fato, é que o sistema capitalista, o sistema da propriedade privada dos meios de produção, divide os homens em duas categorias, divide os interesses em dois amplos grupos, necessária e violentamente opostos. Há, de um lado, aqueles que detêm os meios de produção e que podem assim fazer a lei para os outros, mas há do outro lado aqueles que, não tendo, não possuindo senão sua força de trabalho e não podendo utilizá-la a não ser pelos meios de produção detidos precisamente pela classe capitalista, estão à mercê dessa classe capitalista.

Entre as duas classes, entre os dois grupos de interesses, é uma luta incessante do assalariado, que quer elevar seu salário, e do capitalista, que quer reduzi-lo; do assalariado que quer afirmar sua liberdade e do capitalista que quer mantê-lo na dependência.

Eis, portanto, o primeiro elemento da luta de classes. A condição de fato

que o funda, que o determina, é o sistema da propriedade capitalista, da propriedade privada. E notem bem! Como aqui se trata dos meios de trabalho e, por conseguinte, dos meios de vida, trata-se do que é essencial para os homens, trata-se da vida privada, da vida de todos os dias. E, por conseguinte, um conflito que tem, por princípio, a divisão de uma sociedade em possuidores e não possuidores não é superficial; ele vai até as próprias raízes da vida. (*Aplausos calorosos.*)

Mas, cidadãos, para que haja luta de classes não basta que haja este antagonismo entre os interesses. Se os proletários, se os trabalhadores não concebessem a possibilidade de uma sociedade diferente, se constatando a dependência em que são mantidos, a precariedade de que sofrem, não entrevissem a possibilidade de uma sociedade nova e mais justa; se acreditassem, se pudessem acreditar na eterna necessidade do sistema capitalista, se pouco a pouco, esta necessidade se impusesse a eles, renunciariam a emendar um sistema de injustiças. Esta tarefa não mais lhes apareceria como possível. (*Interrupções*.)

Delory. Sem interrupções, cidadãs e cidadãos. Se houver mais interrupções, vou ser obrigado a pedir aos encarregados da segurança que façam sair os que interrompem. (*Aplausos e novas interrupções.*)

Cidadãs e cidadãos, vocês não acham que seria mais digno para as duas pessoas que têm que falar não fazer interrupções? Se vocês interrompem, pa-

144 • O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

recem supor que Guesde não é capaz de responder a Jaurès; se interromperem Guesde, parecerão supor a mesma coisa para Jaurès.

Creio que os dois camaradas que temos à nossa frente têm suficiente talento para poder nos explicar as duas teorias em confronto, sem que haja interrupções que, assim como disse no início, só poderão atrapalhar a discussão. (*Aplausos.*)

Jaurès. Portanto, para que haja verdadeiramente luta de classes, para que todo o proletariado organizado entre em luta contra o capitalismo, não basta que haja antagonismo de interesses entre os capitalistas e os assalariados, é preciso que os assalariados esperem, em virtude das próprias leis da evolução histórica, o advento de uma nova ordem na qual a propriedade, deixando de ser monopolista, deixando de ser particular e privada, se tornará social, a fim de que todos os produtores associados participem ao mesmo tempo da direção do trabalho e do fruto do trabalho.

É preciso então que os interesses em confronto tomem consciência de si mesmos, como sendo já duas sociedades opostas, em luta, uma, a sociedade de hoje, inscrita no título da propriedade burguesa, a outra, a sociedade de amanhã, inscrita no cérebro dos proletários.

É esta luta das duas sociedades na sociedade de hoje que é um elemento necessário à luta de classes. E enfim, é preciso uma terceira condição para que haja luta de classes. Se o proletariado pudesse esperar sua libertação, se pudesse esperar a transformação da ordem capitalista em ordem coletivista ou comunista de uma autoridade neutra, arbitral, superior aos interesses em conflito, não se encarregaria ele mesmo da defesa da causa.

É o que pretendem, como sabem, os socialistas cristãos dos quais alguns reconhecem a dualidade, o antagonismo dos interesses, mas que dizem ao povo: "Não se revoltem, não se organizem, há uma autoridade benfazeja e celeste, a autoridade da Igreja, que fará descer entre nós, sem que vocês se revoltem, a justiça fraternal." Bem, se os trabalhadores acreditassem nisso, submeter-se-iam à direção dessa autoridade do alto e não haveria luta de classes. Não haveria luta de classes ainda se os trabalhadores pudessem esperar sua libertação da própria classe capitalista, da própria classe privilegiada cedendo a uma inspiração de justiça.

Vocês sabem, cidadãs e cidadãos, que, enquanto durou o período do que Marx e Engels chamaram de "socialismo utópico", os socialistas acreditavam que a libertação do proletariado far-seia pelo alto.

Robert Owen⁶, o grande comunista inglês, apelava, para realizar a jus-

⁶ Robert Owen (1771-1853), jovem patrão filantropo, tentou em 1815 convencer os chefes de Estado europeus a estabelecer uma legislação social. Foi em seguida um dos primeiros fundadores de colônias socialistas nos Estados Unidos, e depois esteve na origem do sindicalismo e das cooperativas britânicas.

tiça social, para as potências da Santa Aliança reunidas no Congresso de Viena. Fourier, nosso grande Fourier, esperava todos os dias, na hora que marcara, a vinda do doador generoso que lhe traria o capital necessário para fundar a primeira comunidade, e acreditava que o simples exemplo dessa comunidade radiosa se propagaria gradualmente estendendo por assim dizer os círculos de organização e de harmonia, e bastaria para emancipar e regozijar os homens.

E, mais tarde, de outro ponto de vista, Louis Blanc⁸ imaginava que era a burguesia, com a condição de que voltasse a certas inspirações de 1793, que poderia libertar os proletários. No fim de sua *Histoire de dix ans*, convidava a classe burguesa a se constituir tutora do proletariado.

Enquanto o proletariado pôde esperar assim tutores, tutores celestes ou tutores burgueses, enquanto pôde esperar sua libertação de outras potências que não a sua, de outras forças que não a sua, não houve luta de classes.

A luta de classes começou no dia em que, como na experiência das Jornadas de Junho⁹, o proletariado aprendeu que era somente de sua própria força, de sua organização, que lhe advinha a esperança de salvação.

Foi assim que o princípio da luta de classes, que supõe primeiramente a divisão da sociedade em duas grandes categorias contrárias, os possuidores e os não-possuidores, que supõe em seguida que os proletários tomaram consciência da sociedade de amanhã e da experiência coletivista, foi assim que a luta de classes se completou pela convicção adquirida pelo proletariado de que ele próprio devia se emancipar e só ele podia se emancipar. (*Aplausos prolongados. Bravos.*)

A questão de tática

Eis, cidadãos, como me aparece, como eu defino a luta de classes e imagino que neste ponto não poderá haver contradição grave entre nós. Mas digo que, quando vocês a analisaram assim, quando a definiram assim, é impossível usá-la para determinar de antemão, em detalhe, a tática de cada dia, o método de cada dia.

Sim, o princípio da luta de classes obriga vocês a fazer sentir aos proletários sua dependência na sociedade de hoje.

⁷ Charles Fourier (1772-1837), filósofo, autor da célebre teoria das paixões, defendeu a constituição dos falanstérios, espécie de comunidades tanto de cooperativas de produção quanto de consumo, mas que precisavam de capital privado ou público inicial.

⁸ Louis Blanc (1811-1882), político de tendência socialista, autor em 1841 de *Histoire de dix ans*, crítica da monarquia de Louis-Philippe. Ligado ao direito e à organização do trabalho, membro do governo provisório em fevereiro de 1848, defendia a criação de oficinas sociais de capital público que afirmariam sua superioridade em relação às oficinas privadas.

⁹ Alusão às Jornadas de Junho de 1848, insurreição dos operários parisienses que foi esmagada de modo sangrento.

Sim, ele obriga vocês a explicar-lhes a ordem nova da sociedade coletivista. Sim, ele obriga vocês a se organizarem em sindicatos operários, em grupos políticos, em cooperativas operárias, a multiplicar os organismos de classe.

Mas não lhes é possível, unicamente pela idéia da luta de classes, decidir se o proletariado deve tomar parte na luta eleitoral e em que condições ele deve tomar parte nela; se ele pode ou se ele deve, e em que condições pode ou deve, interessar-se pelas lutas das diferentes facções burguesas. Não lhes é possível dizer, em virtude unicamente do princípio da luta de classes, se lhes é possível realizar ou se vocês são obrigados a repudiar todas as alianças eleitorais.

Este princípio tão geral indica-lhes uma direção geral, mas é tão possível deduzir daí a tática de cada dia, a solução dos problemas de cada dia, quanto bastaria conhecer a direção geral dos ventos para determinar de antemão o movimento de cada árvore, o estremecimento de cada folha na floresta.

Do mesmo modo, por mais que vocês conheçam todo o plano de campanha de um general, será impossível, pelo conhecimento desse plano de campanha, determinar de antemão todos os movimentos particulares de ofensiva ou de defensiva, de escalada ou de retirada que deverá realizar cada uma das unidades táticas que compõem o exército.

Por conseguinte, em nome da luta de classes, podemos nos reconhecer entre nós para as direções gerais da batalha a travar; mas, quando se tratar de determinar em que medida devemos nos engajar, no caso Dreyfus, ou em que medida os socialistas podem penetrar nos poderes públicos, será impossível resolver essa questão se vocês se limitarem a invocar a fórmula geral da luta de classes.

Em cada caso particular, será preciso que vocês examinem o interesse particular do proletariado. É, portanto, uma questão de tática e nós não dizemos outra coisa. (Aplausos repetidos.)

Do mesmo modo, não é possível que vocês pretendam introduzir o princípio da luta de classes dizendo, como fazem freqüentemente nossos contraditores, que o Partido Socialista deve ser sempre um partido de oposição. Eu digo que semelhante fórmula é singularmente equívoca e singularmente perigosa.

Sim, o Partido Socialista é um partido de oposição contínua, profunda, a todo o sistema capitalista, ou seja, que todos os nossos atos, todos os nossos pensamentos, toda a nossa propaganda, todos os nossos votos devem ser dirigidos para a supressão mais rápida possível da iniquidade capitalista. Mas do fato que o Partido Socialista é por natureza, essencialmente, um partido de oposição a todo o sistema social, não resulta que não tenhamos que fazer nenhuma diferença entre os diferentes partidos burgueses e entre os diferentes governos burgueses que se sucedem.

Ah sim! A sociedade de hoje está dividida entre capitalistas e proletários; mas, ao mesmo tempo, está ameaçada

pelo retorno ofensivo ¹⁰ de todas as forças do passado, pelo retorno ofensivo da barbárie feudal, da onipotência da Igreja, e o dever dos socialistas é, quando a liberdade republicana está em jogo, quando a liberdade de consciência é ameaçada, quando os velhos preconceitos que ressuscitam os ódios raciais e as atrozes querelas religiosas dos séculos passados parecem renascer, o dever do proletariado socialista é marchar com aquela das facções burguesas que não quer voltar atrás. (*Aplausos barulhentos e prolongados.*)

Estou espantado, verdadeiramente, de ter que relembrar estas verdades elementares, que deveriam ser o patrimônio e a regra de todos os socialistas. Foi o próprio Marx que escreveu estas palavras de admirável clareza: "Nós, socialistas revolucionários, estamos com o proletariado contra a burguesia e com a burguesia contra os fidalgotes provincianos e os padres." (Aplausos calorosos.)

Um cidadão. Não é verdade!

Delory. Cidadãos, é lamentável que semelhante interrupção tenha acontecido pelas razões que indiquei há pouco.

Jaurès. Cidadãos, reconheci o camarada que me dirigiu esta interrupção descortês, e limito-me a dizer-lhe o seguinte: você verificará com seus amigos, verificaremos a exatidão da citação que fiz e, se ela estiver correta, não lhe pedirei senão uma coisa como reparação: vir, numa de nossas próximas reuniões, testemunhar lealmente nesta tribuna. (*Bravos.*)

E assim como é impossível para o proletariado socialista, sem faltar a todos os seus deveres, a todas as suas tradições e a todos os seus interesses, não fazer uma diferença entre as facções burguesas mais violentamente retrógradas e aquelas que querem ao menos salvar alguns restos ou algum começo de liberdade, é impossível, particularmente para os políticos eleitos socialistas, não fazer uma diferença entre os diversos governos burgueses.

Não preciso insistir sobre isso, e o bom senso revolucionário do povo faz, de sua parte, uma diferença entre o ministério Méline e o ministério Bourgeois¹¹; ele faz uma diferença entre o ministério de hoje e as combinações

¹⁰ A ameaça evocada por Jaurès é tão grave? Suas principais manifestações foram as reações que se seguiram durante alguns meses ao suicídio de Henry em agosto de 1898, quando foi provada sua culpa. Em fevereiro de 1899, Déroulède tenta arrastar uma parte do exército contra o palácio do Élysée, sem sucesso. Culminam no início de junho de 1899 quando o presidente da República Émile Loubet é agredido no campo de corridas de Auteuil. O ministério Millerand é criado em reação a essas ameaças graves contra a República. Dezoito meses mais tarde, no momento dos discursos, a ameaça parece passada. Restam, todavia, o impulso nacionalista, sensível nas eleições municipais do ano (a direita ganha a capital, bastião tradicional da esquerda então) e bastiões sólidos anti-republicanos na Igreja e no exército.

Jules Méline (1838-1935), republicano oportunista, foi presidente do Conselho de abril de 1896 a maio de 1898. Opôs-se a toda revisão do processo de Dreyfus.

Léon Bourgeois (1851-1925), político radical, foi presidente do Conselho de novembro de 1895 a abril de 1896. Defendia o solidarismo, doutrina social de programa radical.

nacionalistas que o espreitam, e não quero outra prova disso senão o voto unânime do grupo socialista, que, no outro dia...¹²

Um cidadão, ironicamente. Para Chalon?¹³

Jean Jaurès. Cuidado, você crê embaraçar-me lançando-me essa palavra.

Delory. Cidadãs e cidadãos, permitam-me dirigir-me a um velho camarada, fundador do partido, ou seja, em nossas fileiras há mais de vinte anos, para lhe dizer que ele deveria ser o primeiro a ter a paciência de esperar a resposta do camarada Guesde.

Vocês sabem as conseqüências das interrupções; apelo para o testemunho dos camaradas sinceros do partido; que evitem, ao começar as interrupções, favorecer adversários, continuá-las para perturbar a reunião. (*Aplausos*.)

O caso Dreyfus

Jaurès. Acrescento, cidadãos, para ir até o fim do meu pensamento: há horas em que é do interesse do proletariado impedir uma degradação intelectual e moral excessivamente violenta da própria burguesia, e eis porquê, quando, a propósito de um crime militar, se levantou entre as diversas facções a luta que vocês sabem, e quando uma pequena minoria burguesa, contra o conjunto detodas as forças de mentira desencadeadas, tentou gritar por justiça e fazer ouvir a verdade, era dever do proletariado não permanecer neutro, ir para o lado em

que a verdade sofria, em que a humanidade gritava.

Guesde disse na sala Vantier: "Que aqueles que admiram a sociedade capitalista se dediquem a corrigir seus erros; que aqueles que admiram o sol capitalista, dizia ele, se apliquem a apagar suas manchas."

Pois bem! Que ele me permita dizer-lhe: no dia em que contra um homem se comete um crime; no dia em que ele se comete pela mão da burguesia, mas em que o proletariado, intervindo, poderia impedir esse crime, não é mais unicamente a burguesia que é responsável por ele, é o próprio proletariado; é ele que, não detendo a mão do carrasco prestes a golpear, se torna o cúmplice do carrasco; e então não é mais a mancha que obscurece, que marca com o ferro em brasa o sol capitalista declinante, é a mancha que vem difamar o sol socialista nascente. Nós recusamos essa marca vergonhosa na aurora do proletariado. (Aplausos e bravos prolongados.)

O que há de singular, o que é preciso que todo o Partido Socialista, na Europa e aqui, saiba bem, é que no início deste grande drama, eram os socialistas revolucionários que mais me encorajavam, que mais me exortavam a entrar na batalha.

É preciso que vocês saibam, camaradas, como, perante o grupo socialista da última legislatura, a questão se colocou.

¹² Ver a nota 21.

¹³ Ver a nota 18.

Quando ela ocorreu pela primeira vez, quando tivemos que nos perguntar que atitude tomaríamos, o grupo socialista cindiu-se aproximadamente em dois.

De um lado, havia aqueles que vocês me permitirão chamar, aqueles que se chamavam então os moderados do grupo. Eram Millerand, Viviani, Jourde, Lavy¹⁴, que diziam:

"Eis uma questão perigosa, e na qual não devemos intervir."

Do outro lado, havia aqueles que se podia chamar então a esquerda revolucionária do grupo socialista. Havia Guesde, Vaillant¹⁵ e eu que dizíamos: "Não, é uma batalha que é preciso travar."

Ah! Lembro-me da expressão admirável de Guesde quando saiu a carta de Zola. Nossos camaradas moderados do grupo socialista diziam: "Mas Zola não é socialista; Zola é, afinal de contas, um burguês. Vai-se pôr o Partido Socialista a reboque de um escritor burguês?" 16.

E Guesde, levantando-se como se sufocasse de ouvir essa linguagem, foi abrir a janela da sala onde o grupo deliberava, dizendo: "A carta de Zola é o maior ato revolucionário do século!" (Aplausos prolongados e repetidos.)

E depois, quando, animado por essas palavras, e ao mesmo tempo pela minha própria convicção, quando fui testemunhar no processo de Zola; quando, perante a reunião dos coronéis, dos generais de cujos crimes se começava então a suspeitar, sem os ter profundamente explorado; quando eu começara a testemunhar, a depor e voltei à Câmara, Guesde me disse estas palavras de que me lembrarei enquanto viver: "Jaurès, gosto de você, porque, em você, o ato segue sempre o pensamento."

E, como os canibais do estadomaior continuavam a encarniçar-se sobre o vencido, Guesde me dizia: "Que faremos um dia, que farão um dia os

¹⁴ René Viviani (1863-1925), socialista moderado, foi várias vezes deputado. Após a reunificação de 1905, afastou-se do Partido Socialista proclamando-se socialista independente. Várias vezes ministro, foi presidente do Conselho em 1914.

Antoine Jourde (1848-1923) era deputado socialista de Bordeaux. Membro do POF, situava-se, porém, na ala moderada do grupo socialista. Juntou-se à corrente de Jaurès em 1900, em seguida afastou-se do Partido Socialista após a reunificação de 1905.

Jean-Baptiste Lavy (1850-1921), professor primário e deputado socialista do 18º distrito de Paris, era membro da FTSF, o grupo mais moderado do socialismo francês. Seguiu depois a carreira de Millerand, do qual foi chefe de gabinete.

¹⁵ Édouard Vaillant (1840-1915) era na época o terceiro dos grandes líderes do movimento socialista com Guesde e Jaurès. Responsável pelo PSR, ex-membro da Comuna – o que lhe dá enorme popularidade –, é o portador da tradição revolucionária de Blanqui, mas próximo de Guesde sobre a questão do ministerialismo.

¹⁶ A celebérrima carta de Émile Zola ao presidente da República, "J'accuse...", saiu em 13 de janeiro de 1898. Desemboca num processo civil e na condenação de Zola em 23 de fevereiro de 1898. Doravante o caso se torna público.

socialistas de uma humanidade assim rebaixada e assim aviltada? Viremos tarde demais, dizia ele, com eloqüente amargura; os materiais humanos estarão podres quando chegar a nossa vez de construir a nossa casa."

Pois bem, por que depois destas palavras, por que depois destas declarações, o conselho nacional do Partido, alguns meses depois, no mês de julho, tentou fazer sair o proletariado desta batalha?

Talvez, tentei explicar a mim mesmo muitas vezes, os revolucionários achassem que nos demorávamos demais nesse combate, que despendíamos demais a nossa força e a força do povo?

Mas que eles me permitam dizerlhes: onde estará, nos dias decisivos, a energia revolucionária dos homens se, quando uma batalha como essa é mobilizada contra todas as forças da mentira, contra todas as forças da opressão, nós não vamos até o fim?

Por mim, quis continuar, quis perseverar até que o bicho venenoso tivesse sido obrigado a vomitar seu veneno. (*Bravos, bravos.*) Sim, era preciso perseguir todos os falsários, todos os mentirosos, todos os carrascos, todos os traidores; era preciso persegui-los na ponta da verdade, como na ponta do gládio, até que tivessem sido obrigados perante o mundo inteiro a confessar seus crimes, a ignomínia de seus crimes. (*Longos aplausos e bravos.*)

E, notem bem, o manifesto pelo qual nos notificavam que devíamos abandonar essa batalha, saído em julho, antecedeu de algumas semanas a confissão que, perseverando, arrancamos ao coronel Henry¹⁷.

Pois bem, deixem que me congratule por não ter dado ouvidos ao toque de retirada que faziam soar aos nossos ouvidos; por ter posto a marca do proletariado socialista, a marca da revolução na descoberta de um dos maiores crimes que a casta militar já cometeu contra a humanidade. (*Aplausos.*)

Não era tempo perdido, pois, enquanto se expunham seus crimes, enquanto vocês aprendiam a conhecer todas as suas vergonhas, todas as suas mentiras, todas as suas maquinações, o prestígio do militarismo decaía todos os dias no espírito dos homens e, saibamno, o militarismo não é perigoso unicamente porque é o guardião armado do capital, é perigoso também porque seduz o povo por uma falsa imagem de grandeza, por alguma mentira de dedicação e de sacrifício.

Quando se viu que esse ídolo pintado tão gloriosamente e tão soberbo; que esse ídolo que exigia para o serviço de seus apetites monstruosos sacrifícios de gerações; quando se viu que ele estava podre, que não continha senão desonra, traição, intriga, mentira, então o militarismo recebeu um golpe mortal, e a revolução social não perdeu nada com isso. (*Aplausos calorosos.*)

¹⁷ O manifesto do POF é de 24 de julho de 1898 (ver nota 1). O autor de uma peça falsa, coronel Henry, é desmascarado em agosto de 1898; ele confessa e se suicida em 31 de agosto de 1898, o que abre o caminho para a revisão.

Um cidadão. Viva Galliffet!

Jaurès. Digo que assim o proletariado cumpriu duplamente seu dever para consigo mesmo. E é porque, nessa batalha, o proletariado cumpriu seu dever para consigo mesmo, para com a civilização e a humanidade; é porque ele levou tão longe sua ação de classe que em vez de ter, como dizia Louis Blanc, a burguesia por tutora, foi ele que se tornou nessa crise o tutor das liberdades burguesas que a burguesia era incapaz de defender; é porque o proletariado desempenhou um papel decisivo nesse grande drama social que a participação direta de um socialista num ministério se tornou possível.

A questão Millerand

Seja qual for a maneira de vocês julgarem a entrada de Millerand no ministério Waldeck-Rousseau; seja qual for a maneira de vocês julgarem a tática assim inaugurada e os resultados que ela produziu, vocês todos concordam em dizer que em todo caso a entrada de um socialista num ministério burguês é um sinal incontestável do crescimento, da potência do Partido Socialista.

Vocês se lembram que era isso o que o próprio cidadão Lafargue¹⁸ proclamava há um ano. Contrário, desde o primeiro momento, à entrada de Millerand no ministério, ele declarava, entretanto, que esse era um sintoma decisivo da força crescente do nosso partido.

Lembro-me de que há algumas semanas, no encerramento do Congresso Internacional¹⁹, quando os delegados do socialismo internacional foram levar uma coroa ao muro dos Federados, apesar do estúpido policiamento ostensivo do prefeito Lépine, o socialista alemão Singer, que representa entretanto a extrema esquerda do movimento alemão, que fora o único de seus camaradas a votar contra a moção transacional de Kautsky, o cidadão Singer dizia: "Não se pode aprovar a entrada de um socialista num ministério burguês; mas não posso entretanto não dizer que, enquanto há trinta anos, a burguesia fuzilava aqui os proletários, o Partido Socialista cresceu tanto, que numa hora de perigo, para salvar as liberdades elementares, a burguesia é obrigada a chamar um dos nossos."

Portanto, não haverá sobre este ponto dúvida entre nós. Seja qual for o julgamento que fizermos sobre o fundo mesmo da coisa, seremos unânimes em proclamar perante todos os partidos burgueses que ela atesta a força crescente de nosso partido.

¹⁸ Paul Lafargue (1842-1911), genro de Karl Marx, médico, foi com Jules Guesde o fundador do POF.

¹⁹ O Congresso Internacional Socialista de Paris (23-27 de setembro de 1900) aprovou por 29 votos (contra 9 para a moção Guesde) a moção Kaustsky que, embora estimando que toda participação ministerial socialista no âmbito de um governo burguês (mesmo democrático) comportava graves riscos, admitia-a como um expediente tático possível.

Agora, é justo, é sábio, é conforme aos princípios que um socialista participe do governo da burguesia?

Cidadãos, é chegada a hora, parece-me, de discutir esta questão com calma. Até aqui, só a discutimos nas tempestades e, da minha parte – não se aborreçam com esta rememoração –, se me reporto ao congresso de dezembro, há um ano, e ao congresso mais recente do fim de setembro, lembro-me de ter ouvido estes argumentos com toda a certeza, mas também muitos gritos variados de "Galliffet! Chalon! Martinica!..."

Imagino que paramos de discutir dessa maneira, porque, tomem cuidado, esses processos de discussão, por meio dos quais se pretendeu atingir-nos, poderiam ferir os seus próprios amigos. Vocês nos gritaram "Galliffet" para significar que aprovando a entrada do Sr. Millerand no ministério nós éramos assim, por assim dizer, responsáveis e solidários de todos os atos passados de Galliffet.

Tome cuidado, camarada, que me faz um sinal de interrupção silencioso, que lhe agradeço, já que me adverte sem perturbar a ordem da assembléia, tome cuidado.

Vocês, aqui em Lille, trabalhadores de Lille, dois meses depois da entrada de Millerand no ministério, vocês o receberam aqui, festejaram-no aqui, aclamaramno aqui, e imagino, embora ele fosse desde então o colega de Galliffet, que vocês não queriam aclamar ao mesmo tempo o próprio Galliffet. Por conseguinte, não nos enviem uma flecha que ricochetearia para vocês. (Muito bem! Muito bem! Bravos.)

E agora, quero dizer apenas algumas palavras sobre os dolorosos acontecimentos da Martinica e de Chalon, mas deixemme lembrar àqueles de nossos companheiros que se deixam levar até nos acusarem que cometem uma estranha confusão.

Quando se apóia um ministério na sociedade burguesa, mesmo um ministério em que há um socialista, isso não implica que se tenha a ingenuidade de esperar desse ministério, e de nenhum ministério burguês, a justiça integral e a deferência integral para com os interesses do proletariado. Sabemos muito bem que a sociedade capitalista é a terra da iniqüidade e que não sairemos da iniqüidade a não ser saindo do capitalismo.

Mas sabemos também que há inimigos furiosos na sociedade burguesa, adversários odientos e violentos, cada qual mais do que o outro; e quando apoiamos um ministério, não é por esse ministério, é contra os outros piores que gostariam de substituí-lo para fazer mal a vocês.

Então, é uma injustiça assassina acusar-nos das faltas, dos erros ou dos crimes daqueles que apoiamos apenas para impedir crimes maiores. (*Aplausos calorosos*.)

²⁰ A greve geral dos operários do açúcar da Martinica é desencadeada em 6 de fevereiro de 1900 por reivindicações salariais. É um movimento em que os operários vão de fazenda em fazenda e de usina em usina para desenvolver a greve. Em 8 de fevereiro, no François, na frente da usina, a tropa atira nos grevistas, matando nove deles. Esse drama suscitou grande emoção na França.

Deixem-me dizer-lhes quanto à Martinica que logo que se soube do massacre dos franceses na Europa e quando chegaram as primeiras cartas a nossos amigos e os primeiros relatórios ao governo, o grupo socialista das Antilhas, reunido em Paris, fez uma requisição ao ministro.

Pediu-lhe três coisas: pediu-lhe a transferência dos magistrados que condenaram os grevistas mais brutalmente; pediu-lhe a destituição, a pena disciplinar mais forte, do oficial Kahn, do oficial assassino.

Uma voz. Devia ser fuzilado! **Jaurès.** E pediu enfim a libertação imediata de todos os proletários negros condenados devido à greve.

O oficial foi punido, os juízes transferidos e, por fim, foi dada a ordem de libertar todos os operários grevistas condenados. (*Bravos.*)

No que se refere às greves da França, digo apenas: o governo adotou uma tática, da qual, apesar de tudo, no futuro, se continuarem a impô-la, os proletários poderão beneficiar-se: não tirar a polícia dos municípios.

Vocês sabem bem que os patrões de Marselha, como o Sr. Thierry, censuraram o governo por este não ter tirado a polícia do prefeito socialista de Marselha, do nosso amigo, cidadão Flaissières²¹.

Em Chalon, foi o crime da municipalidade proibindo o cortejo a causa da briga e a ocasião do assassinato.

Apesar de tudo, porque sabemos que os proletários terão mais garantias, se forem as municipalidades eleitas por eles, vivendo no meio deles, que mantiverem a polícia, é preciso persistir em pedir que a polícia seja deixada nas mãos das municipalidades.

E deixem-me dizer-lhes, se vocês tivessem o direito, porque apoiamos contra o nacionalismo, contra a reação, o ministério Waldeck-Rousseau, se vocês tivessem o direito de nos acusar de alguma cumplicidade nos crimes da Martinica e de Chalon, o que vocês diriam a seus próprios amigos?

O quê! Vocês reuniram neste palanque, e peço-lhes a permissão de falar com toda a liberdade, vocês reuniram neste palanque os prefeitos do Partido Operário Francês. Pois bem! Eu lhes

Após quarenta dias de greve de uma pequena fábrica de Chalon-sur-Saône, a cidade ocupada pela polícia e a guarda foi percorrida por uma manifestação de apoio de algumas centenas de pessoas, em 2 de junho de 1900. Detidos na frente da fábrica por sessenta guardas a cavalo e a pé, os manifestantes foram fuzilados por um tiro após algumas pedras atiradas. Contaram-se três mortos. Nos dois casos, a justiça se encarregou do caso e sanções, mínimas, foram adotadas.

²¹ Siméon Flaissières (1851-1931), filho de pastor protestante, tornou-se médico no bairro de Endoume, em Marselha. Aderiu ao POF em 1891 sem, todavia, compartilhar suas convições marxistas. Suas idéias pragmáticas e moderadas conduziram-no a juntar-se aos socialistas independentes em 1895. Não participou do Partido Socialista reunificado em 1905. Em 1892, tornara-se prefeito de Marselha, perdeu a prefeitura em 1905 e reconquistou-a em 1919.

pergunto, se a política do governo pudesse caracterizar-se pela Martinica e por Chalon, se esses crimes fossem sua expressão verdadeira e sua característica, o que diriam vocês das municipalidades eleitas que tivessem aceitado, como fizeram as suas – e tiveram razão – ir partir o pão da hospitalidade no mesmo banquete que os governantes assassinos?

O quê! O prefeito de Lille, o cidadão Delory, o prefeito de Fourmies – de Fourmies! a cidade assassinada -22, todos esses prefeitos eleitos, todos os que carregam a responsabilidade da cidade vão sentar-se à mesma mesa que Waldeck-Rousseau, e quando a Câmara voltou, quando o Parlamento está reunido, quando há uma interpelação sobre a política geral, quando não se trata mais apenas de Chalon e da Martinica mas de Sipido, ignominiosamente expulso, mas da expulsão de Morgari 23; quando se trata de tudo isso, tal é contudo a força das coisas, tal é o interesse supremo do proletariado de não se entregar à reação nacionalista e clerical, que todos os políticos eleitos por vocês, todos, todos, Zévaès que está aqui, como Vaillant, todos deram um voto de confiança ao governo.

Tomem cuidado, se disserem Chalon e Martinica, não é só a mim que vocês golpeiam! (*Aplausos calorosos e bravos.*)

Podemos, portanto, elevando-nos acima dessas polêmicas pessoais e dessas lutas fratricidas, podemos olhar a questão de princípio em si mesma e por si mesma.

Permito-me dizer-lhes, com a segurança talvez presunçosa de não ser desmentido pelos anos vindouros, permito-me dizer-lhes que todas as vezes que ele tentou uma forma nova de ação, todas as vezes que renunciou à sua abstenção inicial, qualificada de revolucionária, para entrar na ação e tomar parte nos acontecimentos, sempre houve intransigentes que dirigiram ao Partido Socialista as objeções que alguns de vocês dirigem hoje à participação de um socialista num governo burguês.

Tática

Ah! Cidadãos, há trinta anos que o Partido Socialista avança no mundo. Tomou parte em muitos acontecimentos, em muitas instituições fora das quais se mantinha inicialmente. Discutíamos

²² Alusão ao massacre de Fourmies, em 1° de maio de 1891.

²³ Jaurès faz alusão à expulsão de Oddino Morgari (1865-1944). Morgari, deputado do Partido Socialista Italiano, viera a Marselha em setembro de 1900 apoiar a greve geral do porto e encorajar seus compatriotas imigrados a participar. O prefeito do departamento de Bouchesdu-Rhône mandou expulsá-lo, sob a pressão dos meios patronais e nacionalistas de Marselha. Jean-Baptiste Sipido era um jovem anarquista belga de dezesseis anos que atirou no príncipe de Gales, o futuro Eduardo VII, de passagem por Bruxelas em 4 de abril de 1900. Refugiado por algum tempo na França, foi extraditado pelo Ministro da Justiça, apesar da campanha da Liga dos Direitos do Homem que se opunha a toda extradição vinculada a uma causa política.

hoje para saber se o Partido Socialista deve participar da ação parlamentar.

Não imaginem, entretanto, camaradas, que sempre foi assim. Houve na história do Partido Socialista, há trinta anos, um momento em que aqueles que aconselhavam a entrada dos socialistas no Parlamento eram combatidos tão violentamente, denunciados tão asperamente quanto nós o somos hoje.

Escutem, por favor, o que escrevia, em 1869, o grande socialista democrata cuja morte a humanidade socialista chorou, o cidadão, o companheiro Wilhelm Liebknecht.

Em 1869, no momento em que acabava de ser criado há já dois anos o sufrágio universal na Alemanha, para o Parlamento da Confederação da Alemanha do Norte, Liebknecht escreveu uma brochura para pesquisar o que os socialistas podiam e deviam fazer no Parlamento²⁴.

Não só ele não queria que se ocupassem com ação reformadora, mas considerava que a tribuna parlamentar era inútil, mesmo para os discursos de pura propaganda, e dizia:

"Nossos discursos não podem ter nenhuma influência direta sobre a legislação; não convertemos o Parlamento com palavras, com nossos discursos não podemos jogar na massa verdades que não seja possível divulgar melhor de outra maneira.

Que utilidade prática oferecem então os discursos no Parlamento? Nenhuma; e falar sem objetivo constitui a satisfação dos imbecis.

Nem uma única vantagem.

E eis do outro lado as desvantagens: sacrifício dos princípios, rebaixamento da luta política, reduzida a uma escaramuça parlamentar; fazer o povo acreditar que o Parlamento bismarkiano é chamado a resolver a questão social seria uma imbecilidade ou uma traição."

Eis como, em 1869, aparecia aos socialistas democratas a própria ação, a ação de propaganda de nossos políticos eleitos no Parlamento. Imagino que vocês reconheceram aí, aplicadas a um objeto diferente, as condenações que nos são feitas a propósito da entrada de um socialista num ministério burguês. Alguns anos depois, entretanto, arrastado pelo irresistível movimento das coisas, não só Liebknecht continuava sendo um combatente na Assembléia do império, mas entrava no Landtag saxão, em que não se pode entrar a não ser prestando o juramento de fidelidade à constituição real e burguesa "Juro perante Deus." (Exclamações irônicas de vários lados.)

Delory. Cidadãs e cidadãos, a necessidade de interrupção coloca os que interrompem em má posição já que Jaurès fez apenas uma citação. (*Risos.*)

Jaurès. Mas, vejam, cidadãos, a que mal-entendido extraordinário podem conduzir as prevenções que temos uns contra os outros. Acabo de lhes anunciar que não se podia entrar no Landtag sem prestar um juramento de fidelidade ao rei da Saxônia; lembrolhes, descrevo-lhes a fórmula do juramento prestado por Liebknecht para

²⁴ Ver nota 3.

^{156 •} O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

entrar no Landtag da Saxônia, e eis camaradas um pouco apressados que não se aborrecem de me tachar de clericalismo. (*Hilaridade*.) Lembrem-se bem que é Liebknecht quem fala.

"Juro perante Deus ser inabalavelmente fiel à Constituição e servir, segundo minha consciência, por minhas propostas e meus votos, o interesse inseparável do rei e da pátria. Assim Deus me ajude."

Houve nesse momento camaradas, puros, intransigentes com a democracia socialista, que acusaram Liebknecht de ter prestado esse juramento com vistas a ocupar uma cadeira no Landtag, e Liebknecht, o admirável revolucionário, respondia com razão: "Mas então seremos eternamente enganados pelos dirigentes se lhes bastar pôr no nosso caminho esse obstáculo de papel com uma fórmula de juramento?"

E eu lhes pergunto, quando se acusa de um crime um ministro socialista por ter aceitado o que eu chamarei a formalidade ministerial da aparente solidariedade de voto com seus colegas do gabinete, eu lhes pergunto se essa formalidade é mais humilhante para o Partido Socialista da França do que era, para os revolucionários socialistas da Alemanha, o juramento prestado perante Deus de ser fiel ao rei?

Eu lhes pergunto se nós também nos deteremos perante esses obstáculos

de papel, perante essas formalidades e essas chinesices, e se hesitaremos, quando for necessário para a nossa causa, em jogar um dos nossos na fortaleza do governo burguês. (Não! Não! Bravos.)

Mas isso não é tudo, e uma outra questão, também muito delicada... Mas esqueço a hora... Cidadãos, tenho remorso por me alongar. (*Fale! Fale!*) Vou ceder a palavra a Guesde.

Delory. Num quarto de hora você terá acabado. Camaradas, pedimos-lhes um pouco de paciência. É certo que a questão é suficientemente grave para que sacrifiquemos alguns minutos do nosso tempo. O camarada Jaurès vai tentar resumir o mais brevemente possível para permitir a Guesde responder. (*Bravos.*)

Jaurès. Eu disse que uma questão igualmente difícil se colocara aos socialistas alemães a propósito da participação nas eleições ao Landtag da Prússia.

Lá, não há sufrágio universal, há três classes de eleitores; é um verdadeiro censo e o sistema eleitoral é combinado de tal forma que os socialistas sozinhos nunca podem fazer entrar um dos seus na assembléia eletiva da Prússia. Podem-no apenas contraindo alianças ou, como eles dizem, compromissos com os partidos burgueses.

Em 1893, sobre um relatório de Bebel²⁵, os democratas socialistas alemães declararam o que se segue no congresso de Colônia.

²⁵ August Bebel (1849-1913) é um dos fundadores, com Liebknecht, do Partido Social-Democrata Alemão. Como ele e Kautsky, é partidário do marxismo que domina a socialdemocracia alemã. Esta tende, porém, a conceder às eleições um lugar cada vez maior em sua estratégia, tanto mais que os sucessos eleitorais do partido são consideráveis.

"Considerando que é contrário aos princípios observados até aqui pelo partido envolver-se em compromissos com partidos inimigos, porque estes conduziriam necessariamente à desmoralização, às querelas e às divisões em suas próprias fileiras, o congresso declara:

'É dever dos membros do partido na Prússia abster-se inteiramente de participar das eleições para o Landtag, sob o regime atual.'"

Mas não tardaram a se aperceber de que ao se absterem de participar das eleições, deixavam esmagar a burguesia liberal pelos partidos retrógrados e que os direitos do proletariado, direitos de associação, direitos de coligação, estavam ameaçados.

Em 1897, em Hamburgo em 1898, em Stuttgart em 1899, começavam a permitir aos socialistas da Prússia participar das eleições do Landtag prussiano.

E por fim isso não bastou e o mesmo Bebel que, em 1893, pedira ao partido para proibir a todos os seus membros a participação nas eleições do Landtag da Prússia, o mesmo Bebel, compreendendo o engano que fora cometido, o erro de tática que fora feito, pediu em 1900, no congresso de Mainz, um voto firme.

No congresso de Mainz, sete anos após a proibição feita, o Partido Socialista Alemão deu aos socialistas prussianos a ordem de participarem das eleições do Landtag da Prússia.

E, contudo, era em nome da luta de classes, era em nome da tática de partido que, em 1893, se proibia aos socialistas alemães de participar das eleições do Landtag. Depois viu-se que a luta de classes obrigava o proletariado a defender suas liberdades elementares mesmo, se preciso, coligando-se com a fração liberal da burguesia e onde se dissera não disse-se sim e deu-se uma ordem. Vocês os acusarão de terem traído? (Aplausos calorosos.)

E eu lhes digo, sem poder dar-lhes agora todas as minhas razões, que do mesmo modo a hora virá em que o Partido Socialista Unificado, organizado, dará a ordem, a um dos seus ou a vários dos seus, de ir sentar-se nos governos da burguesia para controlar o mecanismo da sociedade burguesa, para resistir o máximo possível aos arrebatamentos das reações, para colaborar o máximo possível nas obras de reforma.

A unidade

Cidadãos e amigos, abusei da sua atenção benevolente e não me consolaria de interromper assim minha demonstração, de deixá-la incompleta, para ceder a Guesde a minha vez de falar, se não me dissesse que afinal de contas, quaisquer que sejam as dificuldades, quaisquer que sejam as polêmicas de um dia entre socialistas, nós nos reencontramos.

Nós voltaremos, não mais para batalhar, não mais para polemizar, mas quando o partido estiver organizado, para pesquisar juntos, como leais camaradas, qual é o melhor meio de servir os interesses do partido. Ah! Diz-se ao partido: "Permaneça isolado, permaneça afastado, não se meta na ação governamental; fique tão longe quanto possível do Estado burguês."

158 • O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

E eu lhes digo que todas as grandes revoluções foram feitas no mundo porque a sociedade nova, antes de desabrochar, penetrara por todas as fissuras, por todas as suas menores raízes, no solo da sociedade antiga.

No outro dia, Kautsky²⁶, zombando um pouco de nós, dizia-nos: "Mas vocês imaginam conquistar o poder governamental do Estado conquistando pasta por pasta? É como se, no tempo da Reforma, os protestantes imaginassem que iam conquistar o mundo conquistando um cardeal depois do outro, no Sacro Colégio."

Peço perdão a Kautsky; o que fez a força das heresias, das grandes revoltas da consciência religiosa independente, nos séculos XII e XIII, o que fez em seguida a força da Reforma, foi precisamente que ela surgiu apossando-se de uma parte até do poder da antiga Igreja; é que houve, no século XVI, um período em que os fiéis não sabiam mais exatamente se seus cardeais, bispos ou monges haviam ficado com o papa ou haviam acompanhado Lutero.

A Igreja sentiu-o tão bem, compreendeu tão bem que para ela o perigo estava nessa penetração, que a ordem dos jesuítas, que se constituiu para salvála, estabelecera como palavra de ordem penetrar em toda a parte e ser, por sua vez, impenetrável a todos.

A Igreja salvou-se por séculos fechando-se à ação da sociedade nova.

Mas o que a Igreja pôde fazer, a democracia burguesa não pode fazer; ela não se poderá fechar; ela já deixou vocês penetrarem nas municipalidades.

Fala-se das responsabilidades que um ministro socialista assume num ministério burguês; mas seus representantes municipais não assumem responsabilidades?

Não são eles uma parte do Estado burguês? Mas o sufrágio universal que os nomeia é regulamentado, é limitado pela lei burguesa.

E se eu quisesse triunfar do ponto de vista intransigente no qual se colocam alguns dos amigos de vocês, eu poderia lembrar-lhes que vocês aceitam assim o poder municipal de um sufrágio universal, do qual a lei burguesa, ao excluir os assistidos ou os operários errantes, excluiu os proletários mais pobres; poderia dizer-lhes que o prefeito socialista, por mais socialista que seja, pode ser suspenso pelo poder central, e por um ano não ser reelegível; poderia dizer-lhes que ele aceita forçosamente, já que é prefeito, aplicar, administrar um grande número de leis burguesas; poderia dizer-lhes que, se ocorrerem conflitos violentos nas suas ruas, ele também é obrigado, sob pena de deixar dizer que o socialismo é pilhagem e homicídio, a apelar para a força pública.

E vejam, em Marselha, há poucos dias, que responsabilidade pesava sobre o prefeito socialista. Assistindo ao de-

²⁶ Karl Kautsky (1854-1938), importante dirigente do SPD, foi um grande teórico do socialismo. Situando-se na ala esquerda do partido, combateu, de um ponto de vista marxista, o revisionismo dentro dele. Mas colocou sempre a unidade do partido acima de tudo.

sembarque de Krüger²⁷ e protegendo os estrangeiros ingleses contra as violências possíveis da multidão, ele não era mais o prefeito socialista de Marselha, estava encarregado da segurança, da reputação da França inteira.

Ah! Seria cômodo demais ser prefeito socialista perante o mundo, se não se fosse obrigado ao mesmo tempo a contar com todas essas responsabilidades! Mas é porque a tarefa é pesada, é porque se é em conjunto uma fração do proletariado conquistador e uma fração do Estado burguês.

É por isso que não basta um mecanismo para fazer andar a casa socialista, é preciso cabeças pensantes, homens de prudência, pensamento e reflexão, de equilíbrio e vontade, homens como Flaissières, homens como Delory. (Bravos repetidos. Gritos: Viva Delory!)

Sim, à medida que cresce o poder do Partido Socialista aumenta sua responsabilidade.

Mas desta responsabilidade nós não temos medo, o Partido socialista não tem medo dela; ele tem confiança na classe operária, com uma condição, é que ela seja organizada, é que ela seja unificada; é que perante todos os outros partidos anárquicos e discordantes ela forme apenas um partido, como forma apenas uma classe.

Pois bem! Sim, haverá entre nós, por muito tempo talvez, dissensões de método e de tática. Mas há dissensões na Bélgica, na Alemanha; isso não os impede de ser unidos, de discutirem lealmente, como camaradas.

E é assim que queremos discutir ainda; e queremos preparar à luz do dia a grande unidade socialista, a grande fraternidade socialista, pela luz, pela razão, pela organização; e isso, para fazer inicialmente obra de reforma e, na reforma, iniciar a obra da revolução; pois não sou um moderado, sou com vocês um revolucionário. (Aplausos e bravos repetidos.)

Discurso de Jules Guesde

Cidadãs,

Cidadãos.

Camaradas.

Deixem-me, primeiramente, agradecer a Jaurès por ter colocado tão bem a questão, a única questão para a solução da qual vocês estão reunidos esta noite. Jaurès disse a verdade, do ponto de vista histórico de nossas divergências, quando, indo além da participação de um socialista num governo burguês, remontou até o que se chamou de o caso Dreyfus.

²⁷ A Segunda Guerra dos Bôeres começada em 1899 entre o governo semi-autônomo do Transvaal (cujo presidente era Krüger) e o poder imperial britânico acabou com a derrota dos bôeres (ou africânderes). Krüger foi obrigado a fugir da África e começou na Europa uma turnê de propaganda pela independência da África do Sul. Desembarcou em Marselha em 22 de novembro de 1900 e estava em Paris no dia do embate Guesde-Jaurès. Os socialistas defendiam então os bôeres contra o imperialismo britânico, e isso num contexto de viva anglofobia.

Sim, está aí o princípio, o começo, a raiz de uma divergência que desde então apenas se agravou e se estendeu.

A luta de classes

Jaurès teve razão igualmente quando começou por lhes fornecer o elemento indispensável a todo julgamento, quando lhes lembrou a sociedade atual dividida em classes necessariamente antagonistas e em luta; teve razão em lhes dizer que era colocando-os neste campo socialista que vocês podiam pronunciarse entre ele e nós. Somente, em minha opinião, ele foi imprudente invocando o que ele chama um princípio, e que eu chamo, de minha parte, um fato: a luta de classes. Oh! Ele definiu-a muito bem a vocês, mostrou-a maltratada em todas as oficinas, no campo econômico; mostrou-a como meio indispensável, no dia em que é transportada e sistematizada para o campo político, para acabar com as classes, para libertar o trabalho e para libertar a sociedade; mas em seguida ele lhes disse: "Esta luta de classes que acabamos de reconhecer positivamente e de proclamar teoricamente; esta luta de classes, vamos começar por deixá-la de lado como não podendo determinar nossa conduta, nossa política, nossa tática de todos os dias." De tal modo que assimilava a luta de classes ao paraíso dos cristãos e dos católicos, que se coloca tão longe, tão fora de tudo, que não influi na vida cotidiana, não dirigindo nem as vontades nem os atos dos cristãos e dos católicos de hoje, reduzido como está a um simples ato de fé no vazio.

A luta de classes, tal como Jaurès a definiu tão bem, se ela não devesse determinar a sua conduta de todos os dias, a política da classe operária, a tática necessária do proletariado organizado em partido de classes, seria uma mentira e um logro: ela é para nós, ela deve ser ao contrário a regra de nosso agir de todos os dias, de todos os minutos. (Bravos calorosos e repetidos.)

Quanto a nós, nós não reconhecemos a luta de classes, para abandonála uma vez reconhecida, uma vez proclamada; este é o campo exclusivo em que nos colocamos, no qual o partido operário se organizou, e no qual precisamos nos manter para considerar todos os acontecimentos e para classificá-los.

Primeiro desvio

Disseram-nos: "a luta de classes existe"; mas ela não proibia, ela mandava pelo contrário o proletariado, no dia em que uma condenação iníqua viera atingir um membro da classe dirigente, ela erigia em dever, em lei para os trabalhadores esquecer as iniquidades de que são vítimas todos os dias, esquecer as monstruosidades que se perpetram todos os dias contra suas famílias, contra suas mulheres e contra seus filhos.

Eles deviam esquecer tudo isso; eram injúrias anônimas, iniquidades anônimas, pesando apenas sobre a classe operária – que não conta. Mas no dia em que um capitão de estado-maior, no dia em que um dirigente da burguesia era atingido pela própria justiça da sua classe, nesse dia, o proletariado devia

abandonar tudo, devia precipitar-se como reparador da injustiça cometida.

Digo que a luta de classes assim entendida – retomo minha expressão de há pouco – seria um verdadeiro logro.

Ah! Jaurès apelou para lembranças pessoais, contou-lhes o que se passara no grupo socialista da Câmara dos Deputados no fim da legislatura de 1893-1898; naquele momento, era o início do caso, ele estava, pode-se dizer, ainda no ovo, Jaurès lhes disse que havia os moderados – dos quais ele não fazia parte – e que havia a extrema esquerda, os avançados, dos quais ele fazia parte, e que naquele momento mesmo Guesde pressionava para uma intervenção do grupo socialista num caso que não revestira o caráter individual ou pessoal.

Foi então, como lhes disse Jaurès, que protestei contra a atitude dos moderados: mas sabem qual era sua linguagem? Jaurès devia tê-la trazido a esta tribuna. Os moderados não queriam que nos metêssemos no caso porque, diziam eles, estamos na véspera das eleições gerais e poder-se-ia assim comprometer nossa reeleição. E acrescentavam: "Ah! se tivéssemos ainda pela frente um ou dois anos antes que o sufrágio universal tenha a palavra, poderíamos então examinar a questão em si mesma e decidir se o interesse, se o dever do partido é intervir."

Foi contra essa covardia eleitoral, contra esses homens que não pensavam senão em sua cadeira de deputado que eu protestei (aplausos calorosos) e que eu disse outra coisa ainda, pois fui mais longe: disse que se o sufrágio universal, utilizado pelo proletariado, devia desembocar numa simples questão de reeleição, de cadeiras a manter, disse que mais valeria romper com o método parlamentar e nos limitarmos à ação exclusivamente revolucionária.

É verdade, Jaurès? Não falei desse modo? (*Bravos repetidos. Movimentos diver*sos.) Permitam, camaradas, que eu entre em detalhes. Jaurès estava comigo então...

Jaurès. Está muito bem, está certíssimo.

Nossa atitude

Guesde. Mas naquele momento, camaradas, do que se tratava? Tratavase de dividir o proletariado em pró-Dreyfus e contra Dreyfus, de colocar perante a classe operária essa charada da inocência ou da culpa de um homem? Pois, nesses termos, era e permaneceu uma verdadeira charada, uns jurando pela palavra de fulano, outros pela palavra de beltrano, sem que jamais vocês tenham podido penetrar nesse amontoado de contradições e de obscuridades para formar, por si mesmos, uma opinião. Não se tratava de afirmar, de jurar que Dreyfus era inocente; não se tratava, sobretudo, de impor ao proletariado realizar a salvação de um homem, quando o proletariado tem que salvar sua classe, tem que salvar a humanidade inteira! (Longos aplausos.)

Era a respeito do processo Zola, quando assistimos a esse escândalo de um chefe de estado-maior geral, de gradua-

162 • O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

dos superiores, que vinham perante a justiça de seu país e jogavam na balança sua espada ou sua demissão dizendo: "Não ficaremos nem mais um minuto em nosso posto, abandonaremos, entregaremos a defesa nacional, da qual estamos encarregados, se os jurados recusarem o veredicto que lhes exigimos."

Nessas circunstâncias, disse a Jaurès que, se uma República, mesmo burguesa, se inclinava perante semelhante ultimato do alto militarismo, estava acabada a República; e acrescentei: "Precisamos subir à tribuna; precisamos pedir a prisão imediata, não por seu papel no caso Dreyfus, mas por sua insurreição perante o júri do Sena, do Boisdeffre²⁸ e de seus seguidores."

É verdade, ainda, cidadão Jaurès? (Aplausos calorosos.)

Eis como fui pró-Dreyfus, ou seja, no limite da luta contra o militarismo descontrolado, que chegou até a ameaçar, sob a cobertura de um governo cúmplice, com um verdadeiro golpe de Estado. E ficamos assim até as eleições; e nas eleições – se houver aqui camaradas de Roubaix, eles poderão testemunhar –, nos muros fui denunciado como dedicado, como vendido a Dreyfus. Eu me defendi de semelhante acusação?²⁹

(Não! Não!) Pensei um instante que havia ali certo número de votos a perder e que iam assegurar o sucesso de meu adversário? Não, camaradas, nem então nem nunca me preocupei com as consequências pessoais que meus atos podiam ter, os quais sempre foram dirigidos, determinados, comandados pelo interesse da classe operária que eu representava – e a única que eu entendia representar, pois nas muralhas de Roubaix havia, ninguém pode esquecêlo: "Que nenhum patrão vote em mim, que nenhum capitalista vote em mim; não quero nem posso representar as duas classes em luta, não quero e não posso ser senão o homem de uma contra a outra."

Eis o mandato que lhes pedia, que vocês me tinham dado, e ao qual correspondi. (Calorosos aplausos e bravos.)

Dreyfus e o partido socialista

Mas no dia seguinte às eleições, tudo mudara; não se tratava mais, desta vez, de refrear o militarismo, não se tratava mais de agarrar pela gola os generais ou os coronéis insurgidos; tratavase de engajar profundamente o proletariado numa luta de pessoas.

²⁸ Raoul Le Mouton de Boisdeffre (1839-1919), chefe de estado-maior geral do exército entre 1893 e 1898, opôs-se à reabilitação de Dreyfus, não hesitando em proteger seus subordinados comprometidos testemunhando a seu favor por ocasião do processo de Zola. Foi obrigado a pedir demissão alguns meses depois.

²⁹ Jules Guesde fora eleito deputado da circunscrição de Roubaix em 1893. Após uma campanha eleitoral em que seu apoio a Dreyfus lhe valeu vivas críticas da direita, foi batido em maio de 1898 pelo grande patrão do têxtil Étienne Motte (recuperou sua cadeira apenas em 1906).

Há, dizia-se – e disse-se e escreveu-se, não uma vez, mas cem, não cem vezes, mas mil –, há uma vítima particular que tem direito a uma campanha especial e a uma libertação isolada: essa vítima é um dos membros da classe dirigente, é um capitão de estado-maior - é o homem que, em plena juventude, amparado numa riqueza produzida pelo roubo feito aos operários explorados pela sua família e livre para tornar-se um homem útil, livre para pôr a ciência que ele deve a seus milhões a serviço da humanidade, escolheu o que ele chama a carreira militar. Disse a si mesmo: "O desenvolvimento intelectual que recebi, os conhecimentos múltiplos que encarnei, vou empregá-los para degolar meus semelhantes." Essa vítima era bem interessante. (Aplausos calorosos.)

Ah! Compreendo bem que vocês, operários, vocês, camponeses, que são arrancados à oficina, que são arrancados ao arado, para lhes pôr um uniforme nas costas, para lhes pôr uma espingarda nas mãos, com o pretexto da pátria a defender, vocês tenham o direito e o dever de gritar para nós, para o proletariado organizado, quando vocês são atingidos por essa medonha justiça militar, porque vocês não estão na caserna por sua vontade – porque vocês jamais aceitaram as regras, nem a organização, nem a pretensa justiça militar que sofrem. Mas ele, ele sabia o que tinha pela frente quando escolheu o ofício das armas; foi de caso pensado que se engajou nesse caminho, adepto dos conselhos de guerra enquanto acreditou que eles atingiam apenas os proletários e que seria ele, dirigente, oficial, que poria em movimento contra eles essa justiça cega e entre quatro paredes. Tal era a vítima pela qual se ousara a pretensão de mobilizar todo o esforço proletário e socialista...

Ah! Camaradas, apelou-se para lembranças. (Aplausos.) Oh! Não aplaudam, por favor, deixem-me ir até o fim sem aumentar, com vossos bravos, meu cansaço, apelou-se para lembranças pessoais, peço para completá-las.

Jaurès falou-lhes não de um manifesto, mas de uma declaração do conselho nacional do Partido Operário Francês.

O que ele não lhes disse, é que antes houvera uma espécie de conselho do socialismo; houvera, organizado por Millerand e Viviani, um encontro entre Jaurès, que queria não só entrar nesse caso Dreyfus, mas também engajar nisso o partido inteiro, e nós, que éramos de opinião contrária.

Foi nos arredores de Paris, numa casa de campo de Viviani, que nos reunimos todos, uma noite; e como Vaillant não pudera vir ao encontro, escrevera a Jaurès, avisando-o – apelo aqui ainda para a memória de Jaurès...

Jaurès. Mas eu não contesto a carta de Vaillant, constato que ela não me era dirigida.

Guesde. De acordo. Deixando de lado a intervenção de Vaillant sob a forma de uma carta a Jaurès, digo que houve, naquela noite, muito antes da declaração do conselho nacional, uma reunião na qual Millerand e Viviani, que, tanto quanto Vaillant e eu, não queriam então

que se pusesse o partido socialista atrás de Dreyfus, se juntaram a mim para lhe dizer: "Cidadão Jaurès, você não pode engajar o partido, você não tem o direito de engajar o partido" –, e você nos deu sua palavra de fazer unicamente uma campanha pessoal. (Bravos.)

Jaurès. Eu sempre disse isso.

Guesde. Jaurès reconhece que o que eu relato é a verdade exata; se evoquei esses fatos, foi, aliás, apenas para estabelecer as responsabilidades. Quando ele lhes falava há pouco da declaração do conselho nacional do Partido Operário como tendo retirado, por assim dizer, nossas tropas engajadas – o que constitui um ato de deserção e de traição em todos os campos de batalha –, Jaurès esquecia-se de dizer-lhes que a totalidade dos socialistas e das organizações consultadas lhe ordenara não engajar o Partido Socialista atrás dele.

Quando nossa declaração saiu, mantinha apenas, portanto, uma decisão que sempre fora a nossa e que expressava a vontade concordante das diferentes facções socialistas.

Oh! Poderia ir mais longe nestes detalhes pessoais, mas detenho-me, es-

timando que o que relembrei é suficiente, e volto a nosso terreno de classe. Digo que não devemos reconhecer à burguesia, quando uma injustiça atinge um dos seus, o direito de se dirigir ao proletariado, de lhe pedir para cessar de ser ele mesmo, de combater seu próprio combate, para se pôr a reboque dos dirigentes mais comprometedores e mais comprometidos; pois é impossível não se lembrar de que o principal condutor dessa campanha contra uma iniquidade individual propusera um projeto de lei que era a pior iniquidade contra uma classe; revoltado por um julgamento de conselho de guerra que teria atingido um inocente, não temera atingir sem julgamento todos os operários e empregados das ferrovias, querendo que com o direito de greve lhes retirassem o meio de defender seu pão: era esse o homem da verdade, era esse o homem da justiça! E teria sido preciso que mesmo os servos das estradas de ferro esquecessem o crime projetado contra sua classe para fazer acordo com o Sr. Trarieux, com o Sr. Yves Guyot, com a fina flor dos burgueses exploradores30 (risos e aplausos) ou tendo teorizado a exploração dos proletários;

³⁰ Ludovic Trarieux (1840-1904) foi um político que ilustra bem as contradições do período. Muito conservador, Trarieux foi no Senado o homem que defendeu as célebres "leis celeradas" em 1893 e 1894, leis que restringiam as liberdades individuais e as liberdades políticas perante a ameaça dos atentados anarquistas. Ministro da Justiça em 1895, tentou fazer passar uma lei proibindo o direito de greve aos ferroviários e limitando seu direito sindical. Vê-se quão impopular era o homem no movimento socialista e sindical! Mas foi um dos políticos que se envolveram mais precoce e completamente a favor de Dreyfus. Seu papel foi essencial por ocasião do processo de Zola e por ocasião da apelação do processo de Rennes em setembro de 1899. Foi também o fundador da Liga Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 4 de junho de 1898, da qual se tornou o primeiro presidente. Yves Guyot (1843-1928),

teria sido preciso, e ter-se-ia podido – mantendo a luta de classes – costurar o proletariado a essa cauda da burguesia aprisionadora que tinha atrás de si a burguesia fuziladora de 1871.

Ah! Não, camaradas. Naquele momento, o Partido Operário gritou alto lá! Naquele momento, ele chamou os trabalhadores a seu dever de classe; mas não lhes pregava o desinteresse ou a abstenção. A declaração ostentava com todas as letras: "Preparem-se para voltar, contra a classe e a sociedade capitalista, os escândalos de um Panamá militar juntando-se aos escândalos de um Panamá financeiro. O que nós víamos, com efeito, no caso Dreyfus, eram as vergonhas expostas que atingiam e arruinavam o próprio regime. Havia ali uma arma nova e poderosa, com a qual se podia e se devia atingir toda a burguesia, em vez de mobilizar e imobilizar o proletariado atrás de uma facção burguesa contra a outra..."

Você evocava há pouco o admirável revolucionário que era Liebknecht. Ora ele tomou a palavra nesse caso Dreyfus, e foi, como nosso Partido Operário, para desaprovar sua campanha:

"Não o aprovo, escrevia-lhe ele. Não posso aprová-lo, porque você levou água ao moinho do militarismo, do nacionalismo e do anti-semitismo." É a verdade, camaradas; no fim do caso Dreyfus, não houve supressão dos conselhos de guerra, não houve a menor modificação na justiça militar, não houve nada do que lhes prometiam; houve um homem que foi arrancado a seu rochedo da Ilha do Diabo; campanha pessoal, não teve senão um resultado pessoal. (Movimentos diversos.)

O emburguesamento

Oh! Engano-me, houve alguma coisa, e essa alguma coisa, foi o próprio Jaurès quem teve a coragem de confessálo. Ele lhes disse: "Do caso Dreyfus, da campanha que conduzi com certo número de socialistas pró-Dreyfus, saiu a colaboração de um socialista num governo burguês." Isso é verdade, cidadão Jaurès, e isso bastaria, fora o resto, para condenar toda espécie de colaboração da qual você se vangloria.

Sim, foi preciso essa primeira deformação, foi preciso o abandono de seu campo de classe por uma parte do proletariado para que num dado momento se tenha podido apresentar como uma vitória a penetração num ministério de um socialista que não podia aí fazer a lei, de um socialista que devia aí ser prisioneiro, de um socialista que era aí apenas um refém, de um socialista que o Sr. Waldeck-Rousseau, muito bom tático, foi buscar nas fileiras da oposição, para dele fazer uma cobertura, um escudo, de

economista e publicista liberal próximo de Gambetta, foi diretor do *Siècle*, presidente da Sociedade de Economia Política e ministro das Obras Públicas. Liberal feroz em economia, era também livre-pensador, partidário da separação das Igrejas e do Estado e pró-Dreyfus desde o início. Em 1893, escrevera a *Tyranie socialiste*, verdadeiro libelo contra o socialismo.

maneira a desarmar a oposição socialista (bravos), de maneira a impedir os trabalhadores não só de atirar em Waldeck-Rousseau, mas de atirar em Galliffet, porque entre eles e Galliffet havia a pessoa de Millerand. (Novos aplausos.)

Ah! Você diz e conclui que tinha razão na campanha Dreyfus porque ela conduziu Millerand ao gabinete Waldeck-Rousseau-Galliffet. Quanto a mim, digo que está aí a condenação definitiva dessa campanha. Bastou que uma primeira vez o Partido Socialista deixasse, fragmentariamente, seu campo de classe; bastou que um dia estabelecesse uma primeira aliança com uma facção da burguesia para que, nessa encosta escorregadia, ameace rolar até o fim. Para uma obra de justiça e de reparação individual, misturou-se à classe inimiga, e ei-lo agora arrastado a fazer governo em comum com essa classe.

E a luta de classes desembocando assim na colaboração de classes, esta nova forma de cooperativa que reúne no mesmo governo um homem que, se for socialista, deve perseguir a derrubada da sociedade capitalista, e outros homens, majoritários, cujo único objetivo é a conservação da mesma sociedade, dão-na como um triunfo do proletariado, como indicando a força adquirida pelo socialismo. Numa certa medida, sim, como dizia Lafargue. É porque o socialismo se tornou uma força e um perigo para a burguesia, à qual ele mete medo, que esta pensou em introduzir-se no proletariado organizado para dividi-lo e aniquilálo; mas não é a conquista dos poderes públicos pelo socialismo, é a conquista de um socialista e de seus seguidores pelos poderes públicos da burguesia.

E então, nós vimos, camaradas, o que de minha parte eu esperava jamais ver, nós vimos a classe operária, que tem que fazer a sua República, como tem que fazer sua revolução, chamada a montar guarda em volta da República de seus senhores, condenada a defender o que se chamou a civilização capitalista.

Eu acreditava, quanto a mim, que quando havia uma civilização superior no horizonte, que quando essa civilização dependia de um proletariado responsável por sua libertação e pela libertação geral, era para essa civilização superior que se devia ter os olhos obstinadamente voltados; eu acreditava que era preciso estar pronto a espezinhar a pretensa ordem de hoje para fazer assim lugar para a outra.

Parece que não; parece que os grandes burgueses de 1789 deveriam ter se preocupado em defender o Antigo Regime, sob pretexto das reformas realizadas no século XVIII; eu acreditava que eles marcharam contra aquele regime, que varreram tudo, o mau e o bom, o bom com o mau, e acreditava que o proletariado não seria menos revolucionário, que, classe providencial por sua vez, chamada a realizar, a criar uma sociedade nova, emancipadora, não mais de alguns, mas de todos, ele devia não ter outro móbile senão seu egoísmo de classe, porque seus interesses se confundem com os interesses gerais e definitivos de toda a espécie humana!

A nova política que se preconiza em nome da luta de classes consistiria, portanto, em organizar à parte, em seu próprio campo, o proletariado, e em trazê-lo em seguida, como um exército pronto, a qualquer um dos estados-maiores burgueses. Enquanto, abandonada pelos assalariados, que saíam de suas fileiras à medida que despertava sua consciência de classe, a burguesia se sentia perdida, impõem-nos hoje um dever para amanhã, de irmos em seu socorro cada vez que se produzir uma injustiça, cada vez que uma mancha vier obscurecer seu sol.

Ah! Camaradas, se vocês precisassem fazer desaparecer uma após outra todas essas manchas, não só os seus dias, mas as suas noites não bastariam para isso, e vocês não conseguiriam limpar o que não se pode limpar; mas nesse trabalho de Penélope, vocês teriam prolongado a dominação que os esmaga, teriam eternizado a ordem de coisas de hoje que pesa sobre os seus ombros, após dezoito meses de colaboração socialista no poder burguês, tão pesadamente quanto na época dos Méline, dos Dupuy e dos Périer ³¹.

Coletivismo e revolução

Nada mudou e nada pode mudar na sociedade atual enquanto a propriedade capitalista não tiver sido suprimida e não tiver dado lugar à propriedade social, ou seja, à propriedade de vocês.

Essa idéia que, há vinte e poucos anos, introduzimos nos cérebros operários da França deve permanecer a única diretriz dos cérebros conquistados e deve ser estendida aos cérebros do lado, onde a luz socialista ainda não se fez. Esta é nossa tarefa exclusiva; trata-se de recrutar, de aumentar a coluna de assalto que terá, com o Estado tomado à viva força, que tomar a Bastilha feudal; e ai de nós se nos deixarmos deter durante o caminho, esperando como uma esmola as pretensas reformas que é do próprio interesse da burguesia, algumas vezes, jogar ao apetite da multidão, e que podem apenas entreter a fome. Somos e só podemos ser um partido de revolução, porque nossa emancipação e a emancipação da humanidade só podem operar-se revolucionariamente.

Desviar-nos dessa luta, camaradas, é trair, é desertar, é fazer o jogo dos burgueses de hoje, que sabem bem, como dizia Millerand em Lens, que o salariado

Charles Dupuy (1851-1929), republicano moderado, tornou-se célebre em 1893 pela brutalidade da polícia e sua repressão contra os sindicatos operários. Foi outras duas vezes presidente do Conselho.

Jean-Casimir Périer (1847-1907) era mais orleanista do que republicano, proprietário das minas de Anzin. Esse presidente do Conselho, depois presidente da República em 1894, opôs-se à separação das Igrejas e do Estado e reprimiu o movimento operário. Foi obrigado a demitir-se em 1895.

168 • O SOCIALISMO FRANCÊS EM 1900: O GRANDE DEBATE ENTRE JEAN JAURÈS E JULES GUESDE

³¹ Méline: ver nota 9.

não é eterno, que sabem bem, como repetiu, como um eco, Deschanel em Bordeaux³², que o proletariado é um fenômeno provisório... mas que remetem o desaparecimento desta última forma de escravidão a sabe-se lá que data mais distante do que o próprio paraíso das religiões, que pelo menos deve seguir imediatamente a sua morte. Vocês não aceitarão ser pagos nesta moeda de promessas, vocês estão atualmente conscientes demais e fortes demais.

Sem confusão

Mas Jaurès foi mais longe; tentou confundir a ação eleitoral do socialismo sustentando o sufrágio universal como um meio de combate à ação ministerial pela burguesia governamental. Foi ainda mais longe, pretendeu que ao instalar, com as forças de vocês, Carette³³ na prefeitura de Roubaix e Delory na prefeitura de Lille, vocês autorizaram Millerand a aceitar um pedaço de poder da classe contra a qual vocês são obrigados a lutar até à vitória final. Citou-lhes, por outro lado, certas palavras de Liebknecht, que teria condenado em 1869 a entrada dos socialistas nos parlamentos burgueses, enquanto no mesmo ano ele se deixava levar com Bebel ao Reichstag da Confederação da Alemanha do Norte; lembrou-lhes que Liebknecht penetrou igualmente no Landtag da Saxônia embora houvesse um juramento a prestar e que Liebknecht dizia: "Se não fôssemos capazes de passar por cima deste obstáculo de papel, não seríamos revolucionários."

Que relação é possível estabelecer entre as duas situações? Para entrar no Reichstag da Confederação da Alemanha do Norte, era preciso ser levado pelos camaradas operários organizados; era preciso entrar lá pela brecha aberta da democracia socialista; era-se o procurador de sua classe. Era preciso para o Landtag da Saxônia prestar um juramento irrisório, como o que Gambetta³⁴ devia prestar ao império não impedia que fosse como inimigo que nos introduzíamos na Assembléia eletiva, como uma bala enviada pelo canhão popular... E você ousa sustentar que as condições seriam as mesmas de Millerand aceitando uma pasta de Waldeck-Rousseau? Foi o proletariado, parece, que, no ano passado, deu um tal empurrão eleitoral que se fez a brecha pela qual passou Millerand? Semelhante tese não é sustentável. Ele chegou ao poder chamado pela burguesia governamental. (Aplausos e bravos.) Ele chegou lá pelo interesse da burguesia governamental que, de outra forma não teria apelado para sua ajuda. Podia-se

³² Paul Deschanel, republicano radical moderado, presidente da Câmara dos Deputados entre 1898 e 1902, foi presidente da República em 1920.

³³ Henri Carette (1846-1911), operário tecelão, foi prefeito (POF) de Roubaix de 1892 a 1902.

³⁴ Gambetta (ver nota 34).

constituir um ministério, mesmo de mais defesa republicana do que este de que gozamos há dezoito meses, sem que um socialista dele fizesse parte. Você falou do gabinete Bourgeois; não havia socialista nesse gabinete e ele fez, podese afirmá-lo, uma obra mais republicana do que o gabinete de hoje. Uma prova, entre outras, é que a lei sobre as sucessões, votada então, não caiu nas graças do governo de defesa republicana do presente momento, que conta com um socialista, e que abandonou uma parte da reforma de então. (*Bravos.*)

Camaradas, no dia em que o Partido Socialista, no dia em que o proletariado organizado compreendesse e praticasse a luta de classes sob a forma do compartilhamento do poder político com a classe capitalista, nesse dia não haveria mais socialismo; nesse dia não haveria mais proletariado capaz de libertação; nesse dia, os trabalhadores teriam voltado a ser o que eram, há vinte e dois anos, quando respondiam, ora ao apelo da burguesia oportunista contra a burguesia monarquista, ora ao apelo da burguesia radical contra a burguesia oportunista; eles não seriam mais do que uma classe, do que um partido a reboque, domesticado sem razão de ser e, sobretudo, sem futuro.

Combatendo

Eu me lembro de um partido republicano de que fiz parte, o velho partido republicano, que recusava o gênero de compromisso que se gostaria de impor hoje a nosso Partido Socialista. Tendo o Império apelado, realmente apelado para um dos Cinco, para Émile Ollivier³⁵, embora se tratasse então de transformar, o que era possível, o Império ditatorial em Império liberal, embora houvesse ao cabo dessa colaboração de um republicano no governo de Bonaparte a liberdade de reunião e de imprensa e o direito de coligação operária, apesar de tudo, por unanimidade, a burguesia republicana, mais intransigente, possuindo sobre seus políticos um domínio mais completo, não hesitou em executar como traidor o Sr. Émile Ollivier.

Não teríamos nós, portanto, nem a energia nem a consciência dos republicanos burgueses do fim do Império? Essa é, aliás, apenas a parte incidente de minha evocação do passado. O que eu queria ilustrar, é que o partido republicano sob o Império, como o Partido Socialista hoje, dizia: "É preciso fazer a República, mas é preciso marchar combatendo."

Isso não durou muito tempo. Veio um homem, era Gambetta³⁶, e eu me

³⁵ Émile Ollivier (1825-1913), um dos cinco deputados republicanos eleitos em 1857 sob o Segundo Império, aceitou em 1870 formar um gabinete para conduzir uma política de reformas no âmbito da evolução liberal do regime imperial.

³⁶ Léon Gambetta (1838-1882). Grande figura republicana, organizou a resistência contra os prussianos em 1870-1871 e contribuiu para a evicção de Mac-Mahon em 1879. Em 24 de maio de 1869, pronunciou o discurso de Belleville estabelecendo o programa republi-

recordo de que em 1876, em Belleville, ele pronunciava as seguintes palavras: "Não conheço senão duas maneiras de chegar ao meu objetivo, negociando ou combatendo; não sou pela batalha."

Era o decreto de morte do velho partido republicano; o oportunismo nascera, e o oportunismo republicano era a esterilidade republicana, era o aborto republicano, incapaz em trinta anos de chegar mesmo às reformas políticas que são um fato consumado além de nossas fronteiras, nos Estados Unidos da América ou na República Helvética; era, repito-o, a morte do partido republicano burguês! Pois bem, hoje, nós nos encontramos, nós, Partido de classe, nós, Partido Socialista, com responsabilidades maiores, com necessidades que se impõem mais imperiosamente, perante as mesmas duas políticas: uns preconizando a tomada do poder político combatendo, os outros prosseguindo essa tomada do poder parcialmente, fragmentariamente, homem por homem, pasta por pasta, negociando.

Nós não somos a favor do negócio: a luta de classes proíbe o comércio de classes; não queremos esse comércio; e se vocês quisessem isso, camaradas da fábrica, camaradas da oficina, proletários que têm uma missão a cumprir, a mais alta missão que jamais se tenha imposto a uma classe, no dia em que vocês aceitassem o método novo, nesse dia não só vocês teriam feito um mau negócio

mas teriam apagado a grande esperança de renovação que põe hoje em pé o mundo do trabalho.

Classe contra classe

Hoje o que faz a força, a irresistibilidade do movimento socialista, é a comunhão de todos os trabalhadores organizados perseguindo, através das formas governamentais mais divergentes, o mesmo objetivo pelo mesmo meio: a expropriação econômica da classe capitalista pela sua expropriação política.

Esta unidade socialista, brotada das mesmas condições econômicas, seria quebrada para sempre no dia em que, em vez de contar apenas consigo mesmos, vocês subordinassem sua ação a um pedaço da classe inimiga, que só poderia se juntar a nós para nos arrancar de nosso verdadeiro e necessário campo de batalha.

A revolução que lhes incumbe só é possível na medida em que vocês permanecerem vocês mesmos, classe contra classe, não conhecendo e não querendo conhecer as divisões que podem existir no mundo capitalista. É a concorrência econômica que é a lei da sua produção e é a concorrência política ou as divisões políticas que, cuidadosamente mantidas, lhe permitem prolongar sua miserável existência.

Se a classe capitalista formasse apenas um único partido político, teria sido definitivamente esmagada na primeira derrota em seus conflitos com a classe

cano: as liberdades individuais e coletivas, a separação das Igrejas e do Estado, a instrução primária gratuita, laica e obrigatória, a supressão dos exércitos permanentes...

proletária. Mas dividiu-se em burguesia monarquista e em burguesia republicana, em burguesia clerical e em burguesia livre-pensadora, de modo que uma facção vencida pudesse sempre ser substituída no poder por uma outra fração da mesma classe igualmente inimiga.

É o navio de compartimentos estanques que pode fazer água de um lado e que não deixa, entretanto, de flutuar insubmersível. E esse navio, são as galeras do proletariado, nas quais são vocês que remam e que penam e que penarão e que remarão sempre, enquanto não tiver sido afundada, sem distinção de piloto, a nau que leva a classe capitalista e sua fortuna, ou seja, os lucros realizados em cima da miséria de vocês e em cima da servidão de vocês. (Aplausos e bravos repetidos.)

MORAES, João Quartim de. Debate: O socialismo francês em 1900: o grande debate entre Jean Jaurès e Jules Guesde. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.142-172.

Palavras-chave: Socialismo francês; Partido socialista; Classes.